



## O webdocumentário como fruto de intervenções sociais

**Resumo:** O artigo aborda como a ampliação de interações entre jornalistas e seus públicos pode reforçar a criação de vínculos com conteúdos publicados em ambientes *online*, bem como incrementar o sentido da presença do usuário no contexto de determinada narrativa digital. O webdocumentário é mais uma forma discursiva na qual o jornalista estende o uso da tecnologia para mobilizar sua audiência em torno de um processo de construção conjunta da história, o que revigora o grau de relação mantido entre artefato e conteúdo. Para demonstrar essa possibilidade, o estudo apresenta características do projeto *18 Days in Egypt* (2011)<sup>1</sup>, construído a partir de intervenções coletivas que ajudaram a compor sua estrutura comunicacional.

**Palavras-chave:** jornalismo; webdocumentário; autoria; narrativas; participação.

### 1. Introdução

Especificidades de formas discursivas concebidas para reprodução na internet suscitam a reflexão sobre o enquadramento do papel de autores e usuários. A autoria, em alguns casos, adquire dimensões mais horizontalizadas, podendo ser compartilhada e dividida com a audiência, que passa a figurar no centro da experiência de uma narrativa digital como criadora de conteúdos.

Em uma atitude de generosidade que estimula a intensificação de reciprocidades e intercâmbios, autores constroem mecanismos na estrutura das narrativas para que usuários insiram expressividades personalizadas. Os caminhos disponibilizados permitem que as passa-

---

<sup>1</sup> Webdocumentário disponível em: < <http://beta.18daysinegypt.com/>>. Acesso em: 31 jul. 2016.

gens dos usuários pela narrativa não sejam apenas de caráter navegacional, mas também de produção de sentidos da realidade que os circunda.

O artigo tem por objetivo evidenciar que jornalistas podem fazer uso de seus conhecimentos para mobilizar a audiência a estabelecer vínculos mais estreitos com narrativas, possibilitando que sua presença nesses conteúdos adquira nuances autorais, o que pode contribuir também para mudanças em modos de viver e na maneira como elementos do mundo real são absorvidos pelos usuários dispostos a participar.

A narrativa abordada neste trabalho é o webdocumentário, que reúne em uma mesma plataforma diversificadas linguagens comunicacionais e explora as potencialidades do ambiente da internet, onde é reproduzido, para documentar temas ou situações ligadas ao mundo histórico. Entre as oportunidades oriundas do desenvolvimento da rede, está viabilizar espaços narrativos mais abrangentes, com pontos de entrada que congregam o conjunto de ideias e histórias enviadas por usuários (ASTON; GAUDENZI, 2012).

Na primeira parte do estudo, tratamos de aspectos ligados à atitude de jornalistas que criam contextos narrativos *online* com o intuito de intensificar o envolvimento dos usuários. Essa maneira de se relacionar com a audiência não é recente, mas tem sido impulsionada pelo uso disseminado de tecnologias digitais em rede, tanto para produzir e distribuir quanto para consumir informações. Na seção seguinte, apresentamos o webdocumentário como uma modalidade documental apta a receber contribuições de usuários, liberando, assim, o autor da necessidade de aplicação de um ponto de vista unilateral sobre o objeto retratado. Na etapa seguinte, destacamos o exemplo do webdocumentário americano *18 Days in Egypt*, que se tornou um dos símbolos do espírito atual de redes digitais *online* ao compor uma narrativa coletiva referente à insurreição egípcia de 2011. O conjunto de relatos mostra olhares aprofundados e humanos de eventos do país daquele ano e enfatiza a força do projeto como um conteúdo capaz de proporcionar aos participantes momentos de descobertas pessoais e a chance de ressignificações do ambiente onde vivem.

## 2. Metodologia

A investigação apresentada contempla como procedimento o estudo de caso, articulado com análise qualitativa. Nesta metodologia, o pesquisador atua como descobridor, interage com o pesquisado a fim de reconstruir o sentido que esse ator social fornece ao objeto de pes-

quisa (MESQUITA, 2004). Por isso, realizou-se uma entrevista, via *e-mail*, com o jornalista Marcelo Bauer<sup>2</sup>, autor de webdocumentários brasileiros. Os objetivos dessa iniciativa foram abordar processos produtivos e o grau de protagonismo que o usuário pode ter dentro dessa estrutura documental. As considerações de Bauer também proporcionaram um norte para a análise do projeto *18 Days in Egypt*.

### 3. Reciprocidades em narrativas digitais

Em ensaio escrito no ano de 1934, o pensador Walter Benjamin defendia a tese de que o papel do intelectual poderia adquirir contornos mais amplos ao estender sua função de observador de fatos a produtor de realidades. De acordo com o seu texto intitulado *O autor como produtor*, obras artísticas deveriam ser imbuídas de uma função social organizadora. Dessa forma, os elementos de suas narrativas excluiriam a aplicação de anseios propagandistas em prol de um viés pedagógico a fim de estimular o seu público a ser um colaborador e não mero consumidor.

Benjamin encorajava intelectuais a fornecer caminhos e alternativas para que representantes da sociedade pudessem se manifestar. No cenário proposto, o intelectual agiria para promover mudanças, auxiliando a composição de contextos sociais. A palavra e outras modalidades artísticas teriam, assim, uma força transformadora. Para que tal situação viesse à tona, contudo, seria necessário oferecer oportunidades produtivas aos cidadãos.

Nesse sentido, Benjamin compara a figura do intelectual com a do engenheiro. O intelectual utilizaria sua capacidade reflexiva para construir soluções capazes de proporcionar meios e espaços à expressão coletiva, construindo mecanismos que reunissem pessoas de uma comunidade em torno de processos produtivos. O engajamento coletivo em nome de uma causa contribuiria para suprir demandas sociais. As respostas da coletividade e seu grau de aderência a algum projeto destacariam outras virtudes de obras artísticas, como propulsoras de transformações em determinado ambiente.

Oito décadas depois do ensaio de Benjamin, é possível relacionar o seu legado com o atual ecossistema jornalístico. Domingues (2007) associa premissas do texto benjaminiano ao

---

<sup>2</sup> Bauer é diretor dos webdocumentários: *Fora da Escola Não Pode!* (2014), *Petróleo – Combustível da Vida Moderna* (2012), *Rio de Janeiro – Autorretrato* (2011) e *Filhos do Tremor – Crianças e seus Direitos em um Haiti Devastado* (2010). Informações disponíveis em: <<http://www.crosscontent.com.br/marcelo-bauer/>>. Acesso em: 31 jul. 2016.

contexto produtivo da cibercultura em artigo no qual defende o papel do artista como engenheiro de relações sociais, capaz de reenquadrar o aparato tecnológico para fins coletivos. Ela destaca:

São construídas estruturas que ultrapassam operações formalistas, para promover o ativismo cultural desejado por Benjamin. Sistemas operacionais e o design de interfaces com protocolos para acesso livre, mecanismos de busca ou outras propriedades do aparato técnico são usadas para práticas colaborativas de ativismo cultural digital na rede, ou ciberativismo. (DOMINGUES, 2007, p. 2)

A pesquisadora também vincula as ideias do autor alemão com o jornalismo ao sugerir que o jornalista adquira uma postura mais operacional, apropriando-se de tecnologias para desenvolver uma atitude que contemple o ativismo social.

O texto de Benjamin ainda ecoa quando nos deparamos com práticas que têm usado as possibilidades do ciberespaço para criar alianças com seus públicos, produzir e difundir conteúdos. Os vínculos estabelecidos com a audiência que primam por uma comunicação horizontalizada descartam procedimentos unilaterais para dar vazão a expressões alheias no processo de constituição de formas discursivas, estruturando pontos de entrada para que mais pessoas possam auxiliar a compor o mosaico desenhado para uma retórica.

A oportunidade de trazer a audiência para mais perto do conteúdo, de permitir que deixe suas marcas na narrativa, não é necessariamente uma novidade, porém, pode ser potencializada com o uso de tecnologias digitais em rede, sendo considerada, portanto, uma força adicional para o impacto que conteúdos possam vir a causar.

Levando em consideração a constante popularização de dispositivos comunicacionais, como telefones celulares, e ambientes marcados pela ubiquidade de redes de conexão (LEMOS, 2010), assim como o fato de que equipes de jornalistas não alcançam todos os lugares, podemos considerar que a autoria de relatos, em casos específicos, pode ser compartilhada e distribuída.

Essa forma de abordar elementos do mundo histórico altera a percepção de que o jornalismo é somente uma lógica que obedece à direção única de emissor para receptor. Passa a considerar a possibilidade de uma certa presença de integrantes da audiência na construção de conteúdos, a partir de modos instituídos pelos próprios jornalistas. Kovach e Rosenstiel (2011) ponderam que o diálogo proposto com a audiência pode ser mais próspero em dias de

alta conectividade, ajudando a fortalecer a relevância da mídia profissionalizada. Segundo eles:

Para este grau, o jornalismo deve deixar de ser simplesmente uma palestra – dizendo ao público o que ele deve saber – para se tornar um diálogo público, com o jornalista informando e ajudando a facilitar a discussão. Às vezes pode ser o desenvolvimento da imprensa em conjunto com os membros do público. Mas isso não implica que profissionalismo na notícia está obsoleto, ou que contar histórias é irrelevante. Eles são, por si só, no entanto, insuficientes. (KOVACH; ROSENSTIEL, 2011, p. 175, tradução nossa)

A visualização da audiência como parte do processo de elaboração dos conteúdos e não apenas receptora de informações revigora a qualidade do envolvimento possível de se manter com seus membros (KOVACH; ROSENSTIEL, 2011). A internet facilitou e ampliou a profusão de diferentes agentes sociais na elaboração de materiais informacionais, fenômeno que tem sido aproveitado por jornalistas para construir narrativas e dilatado processos de comunicação com esses agentes envolvidos. Para Barsotti (2014):

[...] O fato que a internet potencializou a capacidade do jornalista de firmar sua identidade na de mobilizador, expondo uma brecha que a objetividade jornalística, na maioria das vezes, impedia. Os *blogs* foram o primeiro espaço em que os jornalistas puderam mais abertamente exercer o papel de mobilizador da audiência. (BARSOTTI, 2014, p. 226)

O atual ecossistema jornalístico demonstra que o exercício da profissão continua a espelhar avanços tecnológicos de seu tempo e também leva em conta mudanças comportamentais de uma audiência que não se priva de se apropriar de materiais informativos, retrabalhando mensagens e compartilhando-as em redes sociais *online* (JENKINS, 2009). Isso provoca transformações, seja em rotinas de produção do próprio campo, seja na maneira como profissionais encaram seu papel na sociedade. Barsotti (2014) complementa:

Se partirmos da premissa de que o jornalismo influencia os diversos agentes sociais e por eles é influenciado, então concluiremos que ele é um campo aberto à ação destes. [...] Ao longo de seus quase duzentos anos como atividade profissional, é mais provável que o jornalismo venha incorporando novas funções do que excluindo algumas delas. (BARSOTTI, 2014, pp. 218 e 219)

Entre essas novas funções, está a ampliação de interações com os seus públicos, as quais incidem na forma de se comunicar com eles. Muitas vezes, tal atitude demanda do profissional de jornalismo uma postura mais dinâmica para mobilizar a audiência diante da histó-

ria a ser contada. Abordar a realidade em conjunto envolve conversações bilaterais e constantes, como sugerem Anderson, Bell e Shirky (2013). Eles destacam que esse processo de parceria requer pensar em como colocar informações em um contexto que ofereça aos usuários a alternativa de agir sobre ele, orientando como eles podem fazer essas interferências e também onde podem obter informações adicionais.

O acesso de membros de um público à condição de autores faz com que o mundo que os circunda ganhe variados níveis de expressividades, mediante suas próprias abordagens, favorecendo aspectos como extensão e profundidade de conteúdos disponibilizados em suportes midiáticos. Essa realidade indica que meios de comunicação reconhecem suas fraquezas – e não há nada de depreciativo nisso –, no sentido que, neste mundo complexo e cada vez mais diversificado, mídias tradicionais podem perder a supremacia de fontes únicas de informações, ou o protagonismo na cobertura de fatos (ANDERSON, BELL e SHIRKY, 2013). Segundo o ponto de vista destes autores:

Se quisesse resumir em uma sentença a última década no ecossistema jornalístico, a frase poderia ser a seguinte: de uma hora para outra, todo mundo passou a ter muito mais liberdade. Produtores de notícias, anunciantes, novos atores e, sobretudo, a turma anteriormente conhecida como audiência gozam hoje de liberdade inédita para se comunicar, de forma restrita ou ampla, sem as velhas limitações de modelos de radiodifusão e da imprensa escrita. Nos últimos 15 anos houve uma explosão de técnicas e ferramentas. E, mais ainda, de premissas e expectativas. Tudo isso lançou por terra a velha ordem. (ANDERSON, BELL e SHIRKY, 2013, p. 32)

O ato de participar da produção de conteúdos elaborados por empresas de mídia está mais visível atualmente graças à multiplicidade de canais disponíveis para que expressões da audiência possam ser disseminadas com imediatismo e velocidade. A participação, segundo Jenkins (2009), está vinculada à formação de protocolos sociais e culturais, mudanças comportamentais e facilidades tecnológicas que favorecem a expansão dessa prática.

O autor pontua que empresas contemporâneas da área da comunicação estão experimentando novos procedimentos que consideram seus públicos peças importantes na elaboração de conteúdos, estratégia que acaba promovendo a própria empresa e conteúdos que trazem marcas pessoais de membros da audiência. O pesquisador também pondera que o fato de participar alcançou seu auge com a web, que permitiu uma nova relação entre audiência e conteúdos, bem como a expansão de meios para essa audiência ser ouvida e seguida por adeptos.

A composição de uma cultura da participação requer, avalia o autor, a circulação e re-circulação intensa de conteúdos gerados pela audiência, evidenciando a possibilidade de o ciberespaço favorecer à constituição de engajamentos socioculturais e políticos. Dessa forma, consumidores redefinem seu papel à medida que se amplia o alcance e a intensidade de ação de suas atividades participativas, podendo moldar conteúdos midiáticos ou processos jornalísticos. Nesse panorama, emerge a oportunidade de maior abrangência a criatividade e socializações, que florescem com a união de conhecimentos de diversas pessoas, em uma empreitada coletiva.

O relatório *Mapping the intersection of two cultures: interactive documentary and digital journalism* (2015) examina como organizações de mídia têm agido perante desafios e possibilidades deste mundo conectado em rede com a criação e experimentação de narrativas digitais que engendram alterações no campo do jornalismo e na maneira como ele se relaciona com a audiência.

O estudo trata do webdocumentário como uma modalidade capaz de proporcionar diferentes níveis à presença do usuário em sua estrutura, alcançar variados públicos, entre os quais, nativos digitais, para revitalizar a relevância e o impacto dos conteúdos retratados. Além disso, o formato é compreendido como um produto apto a se beneficiar do potencial colaborativo e interacional de tecnologias.

Essa narrativa, afirma o dossiê, reflete a reorganização de procedimentos de produção para ouvir e trabalhar em conjunto com a audiência. O relatório destaca ainda que a criação de um webdocumentário implica considerar o usuário, ou seja, pensar a maneira como ele irá navegar em um ambiente de convergência digital marcado por uma estrutura hipertextual.

O jornalismo praticado em espaços que incorporam em seus processos de trabalho o uso generalizado de tecnologias digitais e em rede propicia mais canais de comunicação com a audiência, assim como a reconfiguração de retóricas. O ciberespaço perde seu caráter de servir como suporte exclusivamente enciclopédico (SCHWINGEL, 2012) e viabiliza uma gama de conteúdos concebidos mediante as particularidades desse ambiente.

#### **4. O webdocumentário**

O webdocumentário é um formato híbrido que inclui entre seus objetivos contar uma história, retratar um fato ou uma situação, com reprodução exclusivamente na web. A estrutu-

ra do produto é, geralmente, marcada pela presença de modalidades de navegação (GIFREU, 2011), utilizadas pelo usuário para acessar os conteúdos, organizados em diferentes linguagens comunicacionais. Vídeos, fotos, desenhos, gráficos e tabelas, áudios e textos podem conviver em harmonia em um mesmo projeto, evidenciando maneiras discursivas criadas para absorver elementos da realidade, tanto por parte do autor quanto do usuário.

O formato tem acompanhado o desenvolvimento tecnológico e inserido possibilidades em sua estrutura de modo a incrementar a apresentação e a imersão na narrativa. Alguns projetos empregam tecnologia 3D, realidade virtual, fotos panorâmicas, geolocalização, entre outros, para também expandir a compreensão e a maneira como são construídos os elementos que embasam a documentação do objeto retratado.

Diferente do documentário audiovisual, no qual o espectador se relaciona cognitivamente com o conteúdo, o webdocumentário requer a participação física do usuário para fruir a gama de informações dispostas. O webdocumentário busca ampliar a aproximação com a audiência, tanto por meio da interação estabelecida para o seu consumo quanto através de canais para o usuário ajudar a construir a narrativa.

Esse produto cultural pode ser pensado de maneira específica e não em “linha de produção”. Para estabelecer um paralelo com o ciberjornalismo, que envolve a atualização e a produção incessantes de conteúdos, essa modalidade documental não requer tal periodicidade. Vários fatores contribuem para essa característica, entre eles, o tempo demandado para a sua produção. Assim, o webdocumentário se apresenta como mais uma narrativa que pode aprofundar determinado tema, detendo-se mais em causas e consequências, após a divulgação imediata de determinado fato.

Na grande maioria das vezes, o webdocumentário possui um projeto visual exclusivo, utilizando uma interface que colabora para o estabelecimento de sua identidade. Bauer (2016) explica:

O webdocumentário tem como característica o rompimento da linearidade típica da narrativa do cinema e da televisão. Por meio das escolhas que faz ao navegar, o internauta deixa de ser apenas um espectador e passa a definir seu percurso pela obra, escolhendo o que ver, quando ver e em que ordem ver. Nesse produto, o autor/diretor pode escolher com flexibilidade os limites de seu protagonismo. Ele pode optar por fazer uma obra mais “fechada”, em que as opções para o internauta sejam mais restritas, ou partir para modelos muito abertos. Nestes, os internautas não só participam (no sentido de escolher a forma de fruir determinado conteúdo dado),



mas também contribuem com conteúdos que formam/transformam a obra original. São coautores<sup>3</sup>.

Nesse sentido a função do usuário pode ser tanto de explorador quanto de construtor de realidades. A pesquisadora Sandra Gaudenzi (2013) observa que o autor se torna um designer de banco de dados. Ele define as regras e modalidades de participação e as enquadra na concepção de uma interface.

Levando em conta a possibilidade da permissão de usuários alterem o conteúdo com inserções pessoais, o autor não se torna o único contador da história. Sua autoridade também tangencia o fato de ser um mobilizador dessa audiência participativa, fornecendo mecanismos para a construção conjunta de narrativas. A autoria partilhada cria um contexto social na própria plataforma de distribuição do webdocumentário que ganha destaque a partir de expressões coletivas, de olhares de quem não atuou diretamente na concepção do projeto, mas ao adicionar contribuições passa a entendê-lo como um processo que está em constante mutação, atualização.

De acordo com Gaudenzi (2013), a participação é vista como um tipo específico de interação, dentro de diversos outros. A autora assinala que interação participativa pressupõe que o usuário insira, altere ou faça circular conteúdos em um webdocumentário, transformando o seu conteúdo original. Ela ressalta que:

O autor age como um facilitador e, às vezes, um controlador. Trocas e conversas existem, mas muitas vezes não em tempo real. Os usuários podem navegar pela primeira vez na lógica exploratória do modo de hipertexto e, em seguida, decidir deixar um rastro de sua passagem e reflexão, fazendo o upload de texto, imagens ou vídeos. (GAUDENZI, 2013, p. 62, tradução nossa)

Além de mobilizador, o papel do autor também adquire dimensão curatorial, uma vez que as inserções dos usuários estão submetidas a uma configuração pré-estabelecida no sistema computacional que dá vida a um projeto de webdocumentário. O autor acaba fornecendo meios para a participação, organiza essa presença externa para que esteja em consonância com o argumento defendido e os objetivos do projeto.

O webdocumentário dissemina significados a partir da ordenação e apresentação de seus elementos (ASTON; GAUDENZI, 2012). Neste ponto não há diferença em relação a um documentário audiovisual, cuja retórica é marcada pela articulação de imagens em movimen-

---

<sup>3</sup> Marcelo Bauer, em entrevista concedida ao autor.

to, sonoridades, grafismos. O diferencial estaria na presença do usuário no momento de reorganizar e compor um discurso exposto em um ambiente que permite a comunicação multilinear, trocas instantâneas de conteúdos capazes de formar uma constelação de saberes partilhados.

## 5. Experiências coletivas

Em janeiro de 2011, um levante popular influenciou a renúncia do então presidente do Egito, Hosni Mubarak, que estava no comando do país havia 30 anos. O movimento foi uma espécie de efeito dominó, cuja peça inicial caiu na vizinha Tunísia, obrigando o presidente a abrir mão do cargo. Os levantes no mundo árabe também se alastraram por Jordânia, Iêmen, Argélia, Mauritânia, Sudão e Omã. Além da insatisfação com os governos, os eventos tiveram outra característica em comum, o amplo uso de redes sociais *online* para articular protestos e reunir pessoas em locais simbólicos de seus países.

O jornalista Jigar Mehta e a designer Yasmin Elayat acompanhavam perspectivas da revolução sob olhares egípcios circulando em diferentes mídias e plataformas de redes. Textos, áudios, vídeos, fotografias eram disseminados à exaustão, amplificando o caráter midiático da revolta popular e evidenciando a celebração do direito à expressão. A dupla, então, resolveu criar mecanismos para incentivar e canalizar a expressão coletiva e, assim, nasceu o webdocumentário *18 Days in Egypt*.

A população era estimulada, via redes sociais digitais, a enviar conteúdos sobre o levante para a composição de uma narrativa em grupo. O projeto captou expressividades de colaboradores durante o período de 18 dias de 2011, entre os meses de janeiro e fevereiro, quando houve a queda do presidente. Uma das forças do projeto consistiu na organização de conteúdos emitidos por quem estava vivendo a efervescência daquela realidade (Figura 1), não somente como observador, mas como cidadão que ali vislumbrava a possibilidade de um Estado menos restritivo e mais livre.

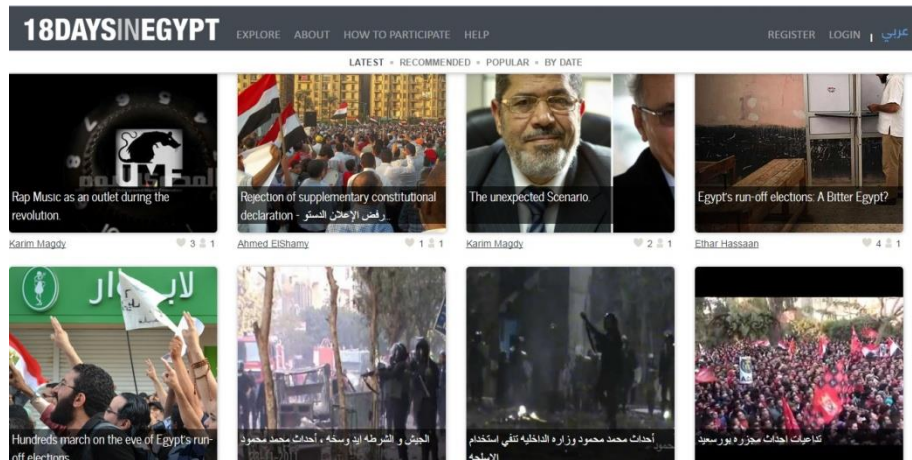


Figura 1: Interface apresenta coleção de vídeos produzidos por usuários.

Fonte: <http://beta.18daysinegypt.com/#/explore/latest>

Para mostrar como as pessoas experimentavam os eventos, os autores disponibilizaram no site do projeto um tutorial que orientou o envio dos materiais, com dicas de como editar e fazer *uploads* de vídeos, inserir descrições e localizações em seus conteúdos, assim como conectá-los a redes sociais *online* (Figura 2) para mostrar o vínculo pessoal construído com registros capturados.

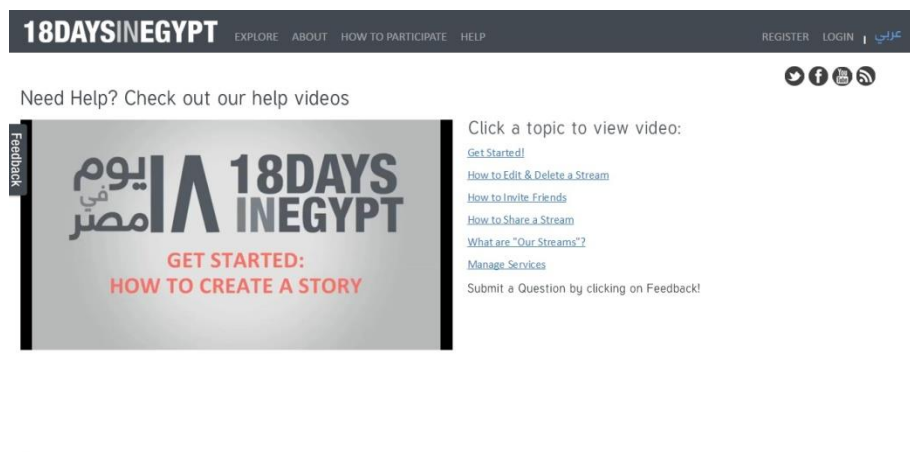


Figura 2: Webdocumentário ofereceu mecanismos para a participação coletiva.

Fonte: <http://beta.18daysinegypt.com/#/help>

Além dos recursos navegacionais disponíveis no site para o usuário acessar os conteúdos, a plataforma permitia interações que possibilitavam adicionar experiências individuais para criar um contexto da situação. Essa brecha pôde contribuir para a aproximação dos usuá-

rios com o artefato e seu conteúdo, além da sensação de que eles estavam fazendo parte de um processo de construção e reconstrução de realidades, não apenas observando.

Os diretores, mais que apresentar a situação, exploraram a tecnologia para oferecer a possibilidade de um engendramento criativo da realidade, contribuindo para o entendimento do que se passava no Egito à época. Não deixa de ser um trabalho de cunho informativo, no qual o próprio processo de interação é amplificado, no sentido de estabelecimento de trocas, reciprocidades, disseminações de conteúdos através de tecnologias móveis, da locatividade e da ubiquidade de redes de conexões que expandem a circulação de informações.

Em um mundo marcado pela gama diversa de fontes informacionais, além das mídias tradicionais, a função do jornalismo de mediar fatos inclui também a necessidade de estreitar vínculos com os seus públicos (KOVACH; ROSENSTIEL, 2010) para orientá-los nesse emaranhado de dados disponíveis, inclusive fornecendo entradas para que suas expressões sejam inseridas em narrativas.

A multiplicidade de maneiras de olhar para determinado tema, como no caso do webdocumentário *18 Days in Egypt*, elimina cânones referentes à figura do autor como perito único do assunto e do público como um aglomerado inerte de pessoas. Anula também o distanciamento entre esses dois extremos. Sem medo de cometer equívocos, egípcios se engajaram em torno de uma causa comum, tornando o acontecimento uma troca intensa de percepções. A iniciativa, orquestrada por intelectuais dispostos a cumprir funções mais ativas e transformadoras, sublinha o potencial do webdocumentário para mexer com usuários, envolvê-los em um conjunto de experiências que revigoram sua relação com o ambiente onde estão inseridos, revitalizando indiferenças e modos de olhar e registrar suas realidades.

## **6. Considerações finais**

O jornalismo descobriu formas inovadoras de inserir a tecnologia em suas rotinas produtivas e reconfigurar retóricas para contar histórias, conquistar e engajar seus públicos. Entre essas formas discursivas, o webdocumentário busca se consolidar como mais um ambiente propício à ampliação de informações, bem como uma narrativa para criação e recriação de realidades, na qual a figura do usuário é peça-chave para o seu desenvolvimento.

A partir de pontos de entrada estipulados, pode-se visualizar um sentido mais amplo à presença do usuário em uma narrativa webdocumental, um sentido que evoca a reinvenção da

arte de contar uma história, com intercâmbios intensos, capazes de sugerir panoramas de contextos sociais em determinado momento.

O jornalista pode fortalecer seu papel de transformar modos de viver com a expansão do uso de tecnologias. A amplificação da associação entre narrativa e usuário, potencializada pela rapidez de trocas de conteúdos e pela vastidão de canais para as suas disseminações, reforça a humanização de relatos e visões de mundo variadas. Além de romper com modelos vigentes de formas comunicacionais, pode repercutir no cotidiano de pessoas, na maneira como elas sentem e lidam com o espaço onde habitam. Assim como o intelectual benjaminiano, que molda seu aparato tecnológico para impulsionar relações e criatividade, o jornalista pode utilizar tecnologias emergentes para conduzir seu público – e ser conduzido por ele – em caminhos de expressividades.

## Referências

ANDERSON, Chris; BELL, Emily; SHIRKY, Clay. Jornalismo Pós-Industrial: adaptação aos novos tempos, Revista de Jornalismo da ESPM, abril-junho de 2013. p. 30-89. Disponível em: <[http://www.espm.br/download/2012\\_revista\\_jornalismo/Revista\\_de\\_Jornalismo\\_ESPM\\_5/files/assets/common/downloads/REVISTA\\_5.pdf](http://www.espm.br/download/2012_revista_jornalismo/Revista_de_Jornalismo_ESPM_5/files/assets/common/downloads/REVISTA_5.pdf)>. Acesso em: 31 jul. 2016.

ASTON, Judith; GAUDENZI, Sandra. Interactive documentary: setting the Field. **Studies in Documentary Film** (Online), V. 6, n. 2, pp. 125-139, 2012. Disponível em: <[http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1386/sdf.6.2.125\\_1](http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1386/sdf.6.2.125_1)>. Acesso em: 31 jul. 2016.

BARSOTTI, Adriana. **Jornalista em mutação**: do cão de guarda ao mobilizador de audiência. V. 9 Florianópolis: Insular, 2014.

BENJAMIN, Walter. O autor como produtor. Conferência pronunciada no Instituto para o Estudo do Fascismo, em 27 de abril de 1934. In: Benjamin, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 120-136.

DOMINGUES, Diana. Softwares sociais: o autor como produtor de ciberativismo cultural. **Anais do XVI Encontro Nacional da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós)**. Curitiba: Compós, 2007. Disponível em: <[http://www.compos.org.br/anais\\_indice\\_autores.php?idEncontro=MTU=>](http://www.compos.org.br/anais_indice_autores.php?idEncontro=MTU=>)> Acesso em: 31 jul. 2016.

GAUDENZI, Sandra. **The Living Documentary**: from representing reality to co-creating reality in digital interactive documentary. Londres: Centre for Cultural Studies, University of London, 2013. Disponível em: <[http://research.gold.ac.uk/7997/1/Cultural\\_thesis\\_Gaudenzi.pdf](http://research.gold.ac.uk/7997/1/Cultural_thesis_Gaudenzi.pdf)>. Acesso em: 31 jul. 2016.

GIFREU, Arnau. **El Documental Interactivo**: una propuesta de modelo de análisis. Universitat Pompeu Fabra: Catalunha. 2011. Disponível em:

<[https://www.academia.edu/1494252/El\\_documental\\_interactivo.\\_Una\\_propuesta\\_de\\_modelo\\_de\\_an%C3%A1lisis](https://www.academia.edu/1494252/El_documental_interactivo._Una_propuesta_de_modelo_de_an%C3%A1lisis)>. Acesso em: 31 jul. 2016.

GILLMOR, Dan. **Nós, os media**. Lisboa: Presença, 2005.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Blur**: how to know what's true in the age of information overload. New York: Bloomsbury, 2011

LE MOS, André. Celulares, funções pós-midiáticas, cidade e mobilidade. **Urbe-Revista Brasileira de Gestão Urbana**, Paraná, V. 2, p. 155-166, jul./dez. 2010. Disponível em:

<<http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/urbe?dd1=4469&dd99=view&dd98=pb>>. Acesso em: 31 jul. 2016.

**MAPPING the intersection of two cultures**: interactive documentary and digital journalism. MIT Open Documentary Lab, MacArthur Foundation, 2015.

MESQUITA, Sonia Tebet. Abordando a pesquisa qualitativa. In: FILHO, Mário José; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza (Orgs.). **Prática de Pesquisa**. Franca: Unesp, 2004, p. 25-38.

Portal de Notícias G1. **Entenda a crise no Egito**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/crise-no-egito/noticia/2011/02/entenda-crise-no-egito.html>>. Acesso em: 31 jul. 2016.

RENNAN SETTI. Redes sociais desempenharam papel fundamental na queda de Mubarak, afirmam especialistas. 2011. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/mundo/redes-sociais-desempenharam-papel-fundamental-na-queda-de-mubarak-afirmam-especialistas-2823615>>. Acesso em: 31 jul. 2016.

SCHWINGEL, Carla. **Ciberjornalismo**. São Paulo: Paulinas, 2012